

**A OCORRÊNCIA DE FORMAS VERBAIS
IMPERFECTIVAS DE PASSADO NO MICRODOMÍNIO
FUNCIONAL¹ DA HABITUALIDADE: UMA ANÁLISE A
PARTIR DOS PRINCÍPIOS DE MARCAÇÃO E DE
EXPRESSIVIDADE RETÓRICA**

**THE OCCURENCE OF IMPERFECTIVE VERBAL PAST
FORMS IN THE FUNCTIONAL MICRO-DOMAIN OF
HABITUALITY: AN ANALYSIS BASED ON THE
PRINCIPLES OF MARKEDNESS AND RHETORICAL**

**LA OCURRENCIA DE FORMAS VERBALES
IMPERFECTIVAS DE PASADO EN EL MICRODOMINIO
FUNCIONALDE LA HABITUALIDAD: UN ANÁLISIS A
PARTIR DE LOS PRINCIPIOS DE MARCACIÓN Y DE
EXPRESIVIDAD RETÓRICA**

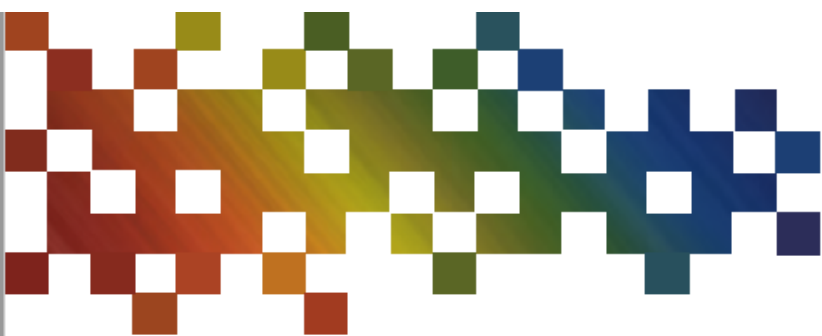
Valdecy de Oliveira Pontes (UFC)²
valdecy.pontes@ufc.br

Juliana Liberato Nobre (UFC)³
juhliberato@gmail.com

¹ Este termo é empregado no sentido proposto por Givón (1984) para domínio funcional, ou seja, corresponde às áreas funcionais que compõem a gramática, que podem se referir a áreas funcionais gerais (ou macrodomínios), como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade), caso, referência, ou a áreas mais estritas p

² Professor doutor em Linguística (UFC) e com pós-doutorado em Estudos da Tradução (UFSC). Atualmente, é professor associado na graduação em Letras-Espanhol e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, Ceará, Brasil.

³ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Fortaleza, Ceará, Brasil.



Resumo

Neste artigo, objetivamos analisar o uso das formas verbais imperfectivas de passado no espanhol oral de Granada, na codificação da função habitual. Para isso, assumimos os pressupostos teóricos dos estudos sobre o funcionalismo, no que tange aos princípios de marcação e de expressividade retórica. Nossos dados provêm de 36 entrevistas do Projeto PRESEEA - Granada. Obtivemos um total de 1.633 dados, sendo que 1.523 desses são de formas do pretérito imperfeito do indicativo e 110 de perífrases. No tocante aos resultados, pudemos verificar que, no microdomínio funcional da habitualidade, os falantes granadinos preferem a forma de pretérito imperfeito do indicativo, a forma menos marcada linguisticamente, nos contextos de uso analisados.

Palavras-chave: marcação, expressividade retórica, habitualidade.

Abstract

In this paper, we aim at analyzing the use of imperfective verbal forms of past tense in the oral Spanish of Granada, in the codification of usual function. To do so, we take the theoretical assumptions of Givón's functionalist studies, concerning the principles of markedness and of rhetorical. Our data come from 36 interviews of the Project PRESEEA – Granada. We have obtained a total of 1.633 data: 1.523 of these are imperfect past tense of indicative, and 110 of paraphrases. As for the results, we could verify that, in the micro-domain of functional habituality. Granadian speakers prefer imperfect past tense of indicative, the less linguistically marked form, in the analyzed contexts of use.

Keywords: markedness, rhetorical expressivity, habituality.

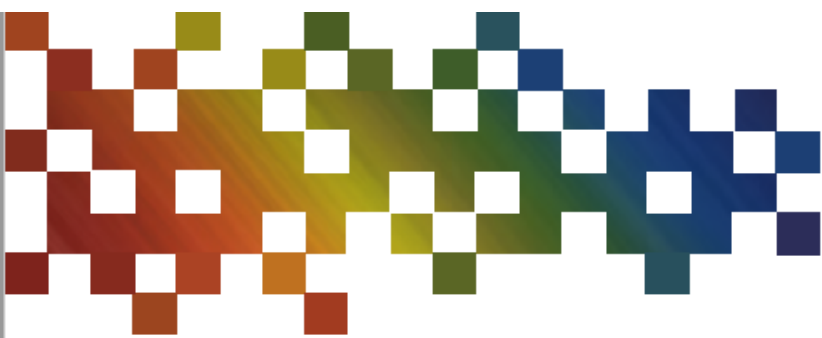
Resumen

En este artículo, objetivamos analizar el uso de las formas verbales imperfectivas de pasado, en el español oral de Granada, en la codificación de la función habitual. Para ello, utilizamos los aportes teóricos de los estudios sobre el funcionalismo, en lo que toca a los principios de marcación y de expresividad retórica. Nuestros datos son de 36 entrevistas del Proyecto PRESEEA - Granada. Obtuvimos un total de 1.633 datos, de los cuales 1.523 son de formas del pretérito imperfecto de indicativo y 110 de perífrasis. Con relación a los resultados, pudimos verificar que, en el microdominio funcional de la habitualidad, los hablantes granadinos prefieren la forma de pretérito imperfecto de indicativo, la forma menos marcada lingüísticamente, en los contextos de uso analizados.

Palabras-clave: marcación, expresividad retórica, habitualidad.

1. Introdução

Embora muitos gramáticos contemplem os estudos das formas imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e a perífrase imperfectiva de passado), como García Fernández (2004), Pontes (2012), entre outros autores, estas são explicadas de modo que não percebemos que estão inseridas em contextos e que possuem motivações



de natureza diversa, como linguísticas e extralinguísticas. Nesse sentido, seria oportuno desenvolver um estudo sobre a ocorrência dessas formas verbais imperfectivas de passado no domínio da habitualidade, considerando os princípios de marcação propostos por Givón (1990) e a expressividade retórica de Dubois e Votre (1994), pois a abordagem funcionalista contemplaria a análise de distintos contextos de uso dessas formas. Vale ressaltar, ainda, que há poucas pesquisas sobre as formas verbais imperfectivas de passado, principalmente, no que diz respeito às variedades do espanhol.

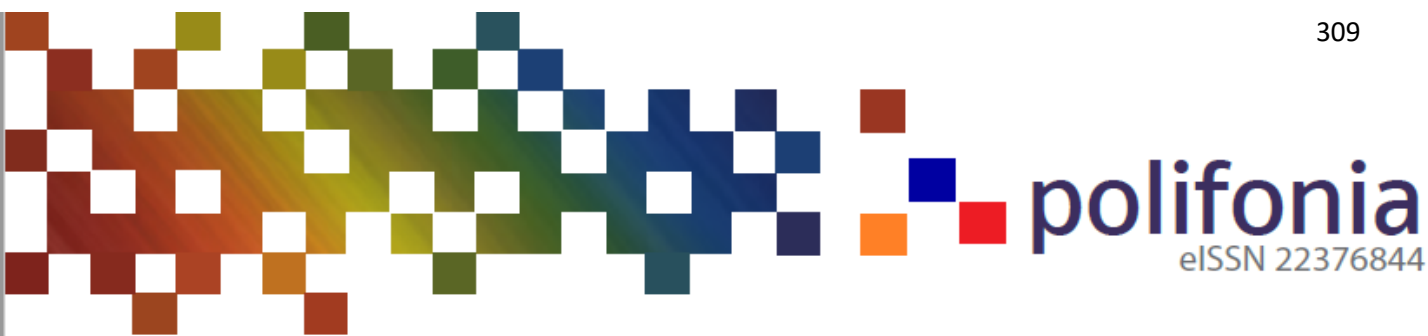
Visando examinar os usos das formas verbais imperfectivas de passado na função aspectual habitual, no espanhol oral de Granada, ancoramo-nos nos princípios de marcação e de expressividade retórica, pelo viés funcionalista. Para isso, na seção teórica, explanamos sobre esses princípios e o uso das formas verbais imperfectivas de passado. Na continuação, explicitamos a descrição e análise dos dados obtidos na pesquisa.

2. Princípios de marcação e de expressividade retórica

O princípio da marcação foi introduzido pelos linguistas da escola de Praga. Esse conceito seria uma reinterpretação da noção de valor linguístico concebida por Saussure para diferenciar um par contrastivo, ou seja, a distinção entre os membros de uma determinada categoria se dá por meio da presença de uma dada propriedade em um (elemento marcado) e da ausência desta no outro membro (elemento não-marcado).

Na visão de Givón (1995), o conceito de marcação pressupõe a noção de complexidade da estrutura da língua, neste contexto, o autor concebe que o elemento marcado é estruturalmente mais complexo. Por outro lado, o elemento não-marcado é mais simples em sua estrutura. No entanto, a marcação depende do contexto de interação, logo, para a caracterização de um elemento como marcado ou não-marcado, entram em jogo os fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos e biológicos.

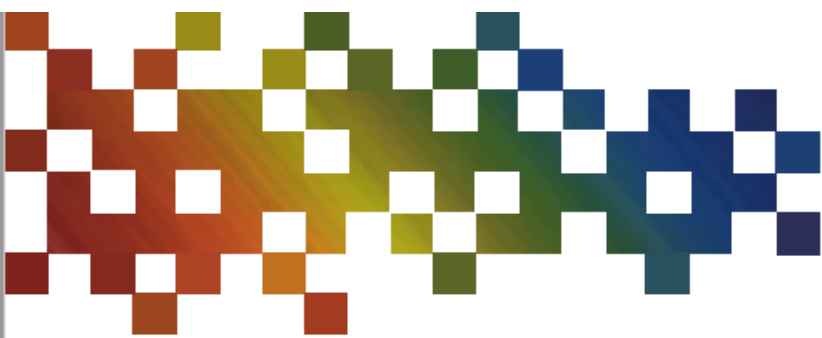
Givón (1990, p. 947) apresenta três critérios para a classificação de marcado e não-marcado:



- (1) Complexidade estrutural: uma determinada categoria seria marcada se apresentasse uma estrutura mais complexa e maior que a outra categoria;
- (2) Complexidade distribucional: quando a frequência da categoria marcada é menos que a da não-marcada;
- (3) Complexidade cognitiva: quando a atenção ou o tempo de processamento é maior no que tange a uma categoria marcada.

Conclui-se que a complexidade cognitiva pode ser atrelada à complexidade estrutural, quando as categorias estruturalmente mais marcadas tendem a ser substantivamente mais marcadas. No tocante aos critérios supracitados, Givón (1991) orienta que os testes devem ser de maneira isolada e somente depois, os resultados correlacionados. Por outro lado, dada a dificuldade de acessar o grau de complexidade cognitiva das formas linguísticas, este subprincípio deve ser indiretamente controlado. Segundo a formulação dada por Givón (1991, p. 38), na concepção do princípio meta-icônico de marcação: “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser substantivamente mais marcadas”. Nesse sentido, a complexidade cognitiva pode ser atrelada à complexidade estrutural.

Givón (1990) divide a marcação de categorias gramaticais em quatro tópicos: a) tipos de discurso – a mesma categoria gramatical pode ter diferentes valores de marcação quando colocada em contextos discursivos diferentes; b) tipos de oração – as orações principais, declarativas, afirmativas e ativas têm o *status* de não-marcadas, enquanto que as subordinadas, manipulativas, negativas e passivas ganham o *status* de marcadas; no discurso oral/informal, há o predomínio das orações coordenadas, que são cognitivamente mais fáceis de processar do que as orações subordinadas; c) Modalidades nominais: 1. *papel temático* – hierarquia temática=> papel semântico: agente > dativo/benefactivo > paciente > locativo > instrumento > outros, papel gramatical: sujeito > objeto direto > objeto indireto, agente, dativo/benefactivo e paciente são os mais prováveis para ocupar as posições de sujeito e objeto, portanto, o sujeito/agente e o objeto/paciente são os não-marcados; 2. *referencialidade e individuação* – nomes referenciais e individuais são o caso não-marcado; 3. *definitude* – o sujeito, o objeto direto e o dativo/benefactivo tendem



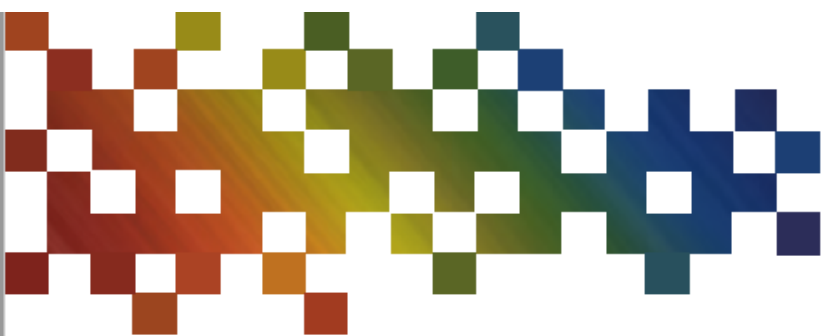
a ser a categoria definida, logo, não-marcada; 4. *status anafórico* – a anáfora zero é a menos marcada; 5. *topicalidade* – a marcação dos referentes tópicos e dos não-tópicos depende da continuidade, ou seja, o referente tópico/contínuo (codificado como zero ou pronome anafórico) é o não-marcado e o referente não-tópico/descontínuo é o marcado; d) Modalidades verbais (*realis x irrealis* (mais marcada); perfectiva x imperfectiva (mais marcada), conforme Givón (1995, p. 55).

Com o objetivo de estabelecer o equilíbrio cognitivo contextual, a marcação pode atuar, ainda, de acordo com o princípio de expressividade retórica, proposto por Dubois e Votre (1994, 2012). Conforme os autores, um procedimento discursivo marcado tende a reduzir ou eliminar o esforço de codificação. Nas palavras de Dubois e Votre (1994, p. 12): “É preciso repensar o princípio de marcação, também, no que concerne à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação.” Portanto, formas marcadas podem tender a ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados. Nesse sentido, teríamos o equilíbrio cognitivo contextual.

3. As formas verbais aspectuais imperfectivas de passado em espanhol e a habitualidade

Na gramática eslava, o termo Aspecto é usado para distinguir os verbos perfectivos e imperfectivos que, segundo Mounin (1968), a distinção é proveniente da gramática latina. Tal divisão foi proposta no século I A.C por Varrón que se baseia na gramática grega, a qual dá ideia de noções temporais como de ação estendida e completa.

O Aspecto, conforme Comrie (1976, p. 3), consiste em poder enxergar as diferentes formas de uma constituição interna de uma determinada situação. Ainda para o autor, o Aspecto depende da escolha do falante e da dinâmica do verbo. Para García Fernández (1998, p. 12), o Aspecto, para um melhor entendimento, pode ser comparado a uma lente ou telescópio, pelos quais se percebe, de variadas maneiras, uma situação. Sendo assim, no Aspecto perfectivo, podemos notar o início e o fim de uma situação, no



qual se tem uma visão externa e concluída do processo, já no Aspecto imperfectivo, percebemos somente parte da situação, pois não se identifica nem o início e nem o fim da situação, assim, tem como destaque uma parte da sequência do tempo em curso. Na continuação, apresentamos alguns exemplos:

- (1) *Imperfectivo* – Pretérito imperfeito do indicativo: María **estaba** ayer en su casa. / Ontem Maria **estava** em sua casa. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 13).
- (2) *Perfectivo* – Pretérito perfeito simples: Mi perrillo se **murió** ayer. / Meu cachorrinho **morreu** ontem. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1998, p. 13).

Centramo-nos no âmbito da imperfectividade, pois se trata de nossa pesquisa. Na imperfectividade, o falante só pode visualizar parte de uma sequência do tempo em curso, ou seja, como uma lente que não permite o alcance dos extremos como o início e o fim de uma determinada ação. É nela que encontramos as formas verbais imperfectivas de pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado, as quais são expressões de valores aspectuais.

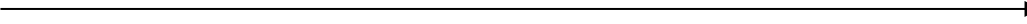
Ao analisar as formas perfectivas e imperfectivas em termos funcionais e segundo os tipos de verbos, Givón (2001, p. 287-288) assevera que a (im)perfectividade pode ser aferida em uma escala gradual, a partir de dois traços: fronteira temporal (nítida vs. difusa) e duração (curta vs. longa):

- (1) Verbos compactos (culminação): em um extremo da escala de perfectividade, estão os verbos que codificam situações cujas fronteiras inicial e final são definidas e coincidentes.
- (2) Verbos de processo culminado: codificam a completude de uma situação. É uma situação com a fronteira final nítida, cuja duração é maior do que a dos verbos de culminação.
- (3) Verbos de atividade: a situação codificada por esse tipo de verbo pode ter as fronteiras inicial e final definidas, mas o foco está na duração.

(4) Verbos de estado: no outro extremo da escala de (im)perfectividade, verbos de estado focam a duração do evento, sem delimitação das fronteiras.

Vejam os a escala de (Im)perfectividade e marcação proposta por Givón (2001, p. 287-288):

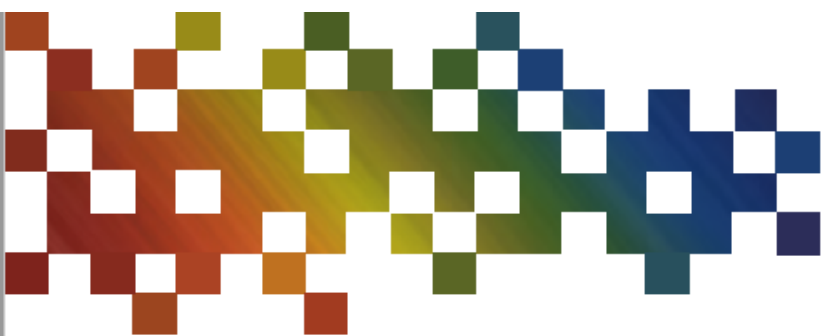
	Compacto ⁴	Processo Culminado	Atividade	Estado
<i>Fronteira</i>	+	+	+/-	-
<i>Duração</i>	-	+/-	+/-	+


 + Imperfectividade

A habitualidade é uma das subcategorias da imperfectividade que pode ser observada, mas sem seu início e fim (COMRIE, 1976, p. 25). De acordo com os estudos de Comrie (1976), Wachowicz (2003), Freitag (2007) e Albuquerque (2015), a função habitual consiste em uma situação que ocorre de modo indeterminado em uma estrutura temporal. Martínez-Atienza (2004) pontua que, conforme a repetição dos eventos, pode-se concluir se a ação é um hábito do sujeito ou não.

De acordo com Garcés (1997), quando a ação expressa pelo verbo se repete de modo habitual, o verbo costuma ir acompanhado por modificadores temporais. Estes desempenham um papel fundamental para a leitura habitual das perífrases imperfectivas, já que fornecem, conforme Mendes (2005), indícios para que se determine a leitura aspectual do passado imperfectivo. Comrie (1981) pondera, entretanto, que é um equívoco considerar que construções perfectivas sempre apresentam ações pontuais e acabadas. Paralelamente, não se pode caracterizar todas as formas durativas como imperfectivas, embora a duratividade de um evento esteja atrelada, geralmente, às formas imperfectivas, mas não há garantia de que isso ocorra em todos os contextos. Segundo Freitag (2007), essa associação entre imperfectividade e ação inacabada e perfectividade

⁴ Givón (2001) refere-se a verbos de curta duração, o que corresponderia, na classificação de Vendler (1957, 1967), aos verbos de culminação.



e ação acabada nem sempre se sustenta, já que há contextos em que cabem as duas leituras (perfectiva e imperfectiva). Pode-se, por exemplo, conforme García Fernández (1998, p. 43), utilizar o pretérito imperfeito com verbos de culminação, quando o falante deseja expressar uma ação iminente que foi frustrada. Vejamos:

(3) Eu **abria** a porta, quando o telefone tocou.⁵

Lenci e Bertinetto (2000, p. 234) estudaram a habitualidade e sua compatibilidade com as diferentes classes de advérbios, chamando atenção para a combinação dos advérbios de tempo com as perífrases. Nesse contexto, um dado com o imperfeito, conforme exemplo (4), pode ser substituído por uma perífrase verbal, conforme exemplo (5).

(4) María **estudiaba** todos los días en la biblioteca. (María **estudava** todos os dias na biblioteca.)

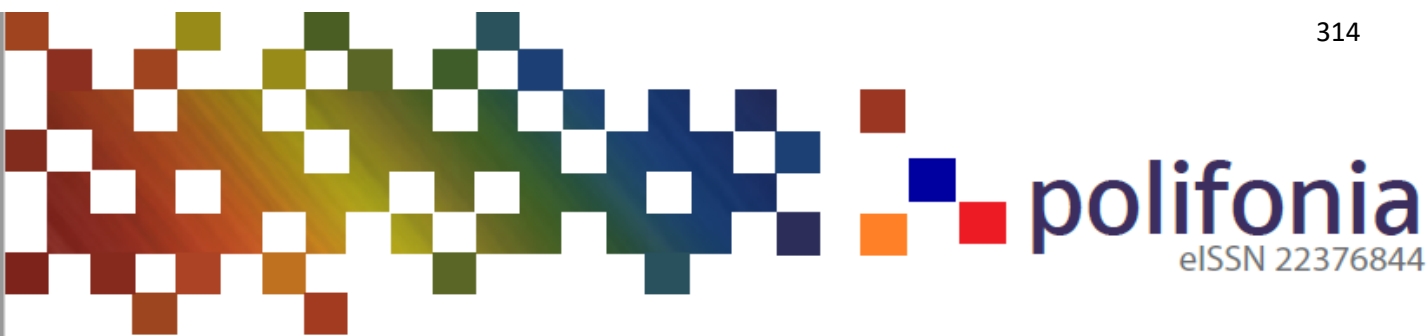
(5) María **solía estudiar** todos los días en la biblioteca. (María **costumava estudar** todos os dias na biblioteca.)

De acordo com Macdonald (1992), a habitualidade pode ser definida como a repetição de uma situação, com certa frequência e durante um intervalo de tempo indicado, mesmo que de forma implícita. Neste caso, situação repetida caracteriza o intervalo durante o qual é produzida, por conta disso, a interação nem sempre vai expressar habitualidade. Para Martínez-Atienza (2004), a interpretação habitual é resultado de um processo de indução, ou seja, a partir de várias repetições de um evento, podemos induzir se tal repetição constitui um hábito do sujeito em questão. No entanto, uma análise mais profunda da habitualidade requer a informação contida no contexto de interação verbal, já que as formas verbais podem assumir diversos empregos a depender do contexto em que aparecem (é o que ocorre nos exemplos 6 e 7, em que há uma leitura habitual para 6, mas não para 7).

(6) Ele sempre **ia** ao colégio quando era adolescente.

(7) Às vezes, ele **ia** ao colégio quando era adolescente.

⁵ Exemplo de nossa autoria.

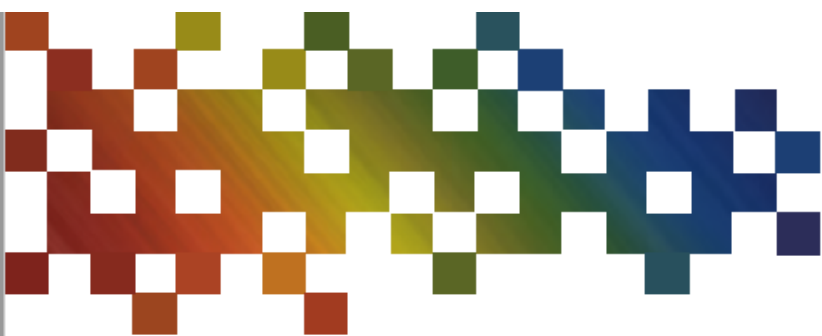


Caracterizamos, assim, o contexto de análise das ocorrências de imperfeito e perífrases nesta pesquisa: contextos de habitualidade em que a situação é vista em um momento de seu desenvolvimento sem que se visualizem os pontos inicial e final. A habitualidade inclui situações no passado, presente e, também, como predição, no futuro. As situações habituais podem ser estáticas ou dinâmicas, e podem ser expressas pela forma simples do verbo e pela forma perifrástica. De acordo com Macdonald (1992), a imperfectividade da habitualidade apresenta características bem específicas, a saber: a ideia de uma situação vista no momento de seu desenvolvimento sem referência a um ponto inicial ou final e não se refere a uma situação específica, mas a uma série de situações.

4. Metodologia

Adotamos a pesquisa de cunho descritivo-explicativa e de natureza quali-quantitativa com objetivo de analisar a partir dos princípios de marcação e da expressividade retórica, sob o viés funcionalista, as formas verbais imperfectivas de pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva de passado, na habitualidade no espanhol de Granada, considerando as motivações linguísticas e extralinguísticas. Para a obtenção de cálculos de frequência, pesos relativos e identificação das formas verbais imperfectivas condicionadas pelos diferentes grupos de fatores, utilizaremos o programa estatístico Goldvarb (2005). Em seguida, os valores da análise estatística serão organizados em tabelas e logo interpretados conforme o princípio de marcação proposto por Givón (1990) e o princípio de expressividade retórica proposto por Dubois e Votre (1994, 2012).

Utilizamos os dados do *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América* (PRESEEA – Granada) para o mapeamento e a análise do fenômeno de variação linguística nas formas imperfectivas de passado do espanhol, mais pontualmente, as de pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas. Considerando a nossa escolha das variáveis de estratificação: 3 níveis de instrução (baixo, médio e superior) x 3 grupos de idade (jovem, adulto e idoso) x 2 sexos (homem e mulher)



x 2 informantes por célula⁶, analisaremos 36 das 54 entrevistas disponíveis no *corpus*. Conforme Tavares (2015), a entrevista sociolinguística é o *corpus* mais utilizado nos trabalhos desde a sua elaboração por Labov (2008 [1972]).

Para a autora, a entrevista sociolinguística é tida como um macrogênero textual, pois, além de ser um gênero textual, abriga sequências discursivas, tais como: narrativa, descritiva, argumentativa, expositiva e dialogal. As informações que encontramos nelas são o vernáculo do informante, ou seja, segundo Labov (2008 [1972]), trata-se de um estilo em que o informante fala de modo despreocupado. Além dessas informações que podemos encontrar, a entrevista sociolinguística nos possibilita resultados quantitativos sólidos, replicáveis e comparáveis entre si.

5. Descrição e análise dos resultados

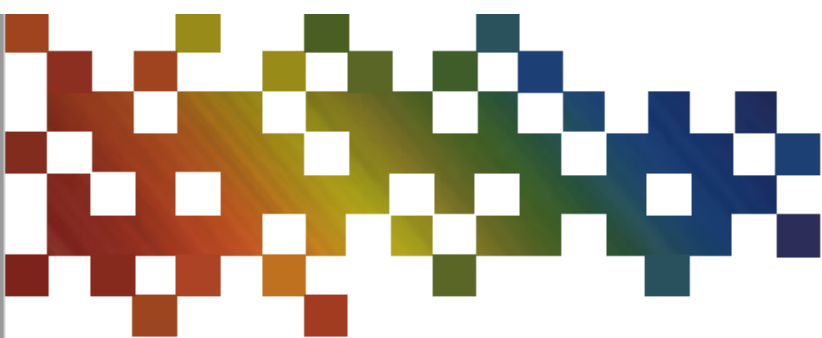
Apresentada a descrição dos fatores controlados, vejamos, a seguir, a análise das formas imperfectivas de passado na codificação da função habitual. A variável dependente⁷ desta pesquisa foi constituída pelo pretérito imperfeito do indicativo e pela perífrase imperfectiva de passado. Sendo o pretérito imperfeito considerado a aplicação de regra⁸.

Nesta investigação, foram selecionadas e analisadas 36 entrevistas, nas quais encontramos 1.523 formas de pretérito imperfeito do Aspecto habitual. Já as formas perifrásticas de passado ocorreram em 110 dados. O programa estatístico considerou como relevantes em ordem de significância os seguintes grupos de fatores: modalidade, tipos de verbo e presença ou ausência de modificadores aspectuais. Por outro lado, foram excluídos, também, em ordem de significância os grupos: tipos de sequência discursiva,

⁶ Este cálculo ($3 \times 3 \times 2 \times 2 = 36$) é um procedimento metodológico da Sociolinguística Quantitativa, para a obtenção do número de entrevistas a serem analisadas.

⁷ As variantes constituem as diversas maneiras de se expressar um determinado estado de coisas, segundo Labov (1978). Para Mollica (2012, p. 10-11), do ponto de vista metodológico, as variantes são “formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente.”

⁸ Uma das variantes da variável dependente. A variante que se quer explicar na pesquisa. (GUY E ZILLES, 2007)



sexo, nível de instrução e idade. Para este artigo, realizamos um recorte da pesquisa. Portanto, exporemos uma análise quali-quantitativa apenas dos grupos linguísticos, que foram considerados significativos pelo Goldvarb (2005).

Vale destacar, ainda, que um grupo foi eliminado, tipos de frase, por nocaute⁹. Exporemos os grupos considerados relevantes a seguir. Vejamos, então, o resultado do grupo de fator modalidade, na Tabela 1:

Tabela 1 – Atuação da modalidade no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto habitual.

FATORES	VALOR DE APLICAÇÃO/ TOTAL	PERCENTUAL %	PESO RELATIVO
<i>Realis</i>	1485 / 1568	94,7	0,526
<i>Irrealis</i>	38 / 65	58,5	0,072

Fonte: Elaborada pelos autores

Podemos constatar, a partir dos dados, que a maioria das formas de pretérito imperfeito do indicativo (estruturas não marcadas quando comparadas às formas de perífrases imperfectivas de passado) na função habitual ocorrem na modalidade *realis*, ou seja, em sentenças reais, que, segundo Givón (1984, p. 285), possuem uma proposição que é declarada como verdade. Quanto à marcação das modalidades *realis* e *irrealis*, Givón (1990) considera a *realis* como uma estrutura não-marcada e a *irrealis* como uma estrutura marcada. O status cognitivo de não-marcado da modalidade *realis* tem, de modo provável, como base os fatores cognitivo e sociocultural. Se a modalidade *realis* é considerada não-marcada é pelo fato de os eventos ocorrerem em um tempo e espaço reais ou ainda estão ocorrendo simultaneamente à fala, assim, estão mais salientes na mente que um futuro hipotético, por exemplo (GIVÓN, 1990).

De acordo com os estudos de Travaglia (1987), há uma classificação para o imperfeito conforme o grau de afastamento da realidade que o falante pode atribuir a depender das situações que se encontra. Podemos ponderar, a partir do quadro proposto

⁹ Termo que corresponde a frequência 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente em algum contexto. Se houver uma dessas frequências em qualquer contexto, é considerado que houve nocaute neste determinado contexto. (GUY E ZILLES, 2007, p. 158)

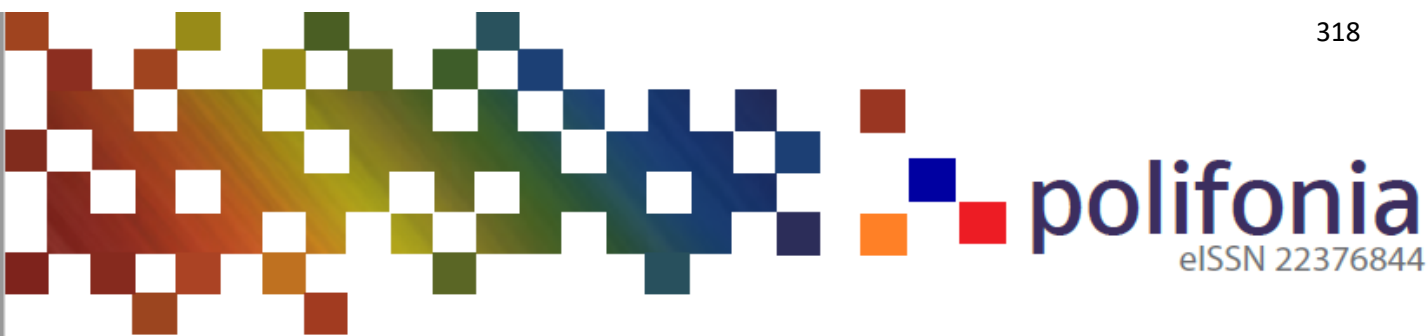
por Travaglia (1987, p. 86) e que é apresentado por Freitag (2007), que se trata de um gradiente de afastamento da realidade. Quanto mais à esquerda, maior é o afastamento, assim, pode ser associado à modalidade *irrealis*; quanto mais à direita, mais próximo à realidade, sendo associado à codificação da modalidade *realis*.

Quadro 1 – Valores discursivos da forma verbal pretérito imperfeito do indicativo

Total afastamento da realidade			Presença da realidade ou não marcação da realidade do processo verbal no momento da enunciação			
- Situação de fantasia do faz-de-conta infantil	- Situação de compra	- Pergunta indireta e delicada	- Hipótese com condicional	- Hábito	- Descrição de situações dinâmicas	- Expressão de um processo que estava em curso, quando outro ocorreu
- Discurso onírico	- O IMP indica um processo em cuja possibilidade o falante não acreditava, mas que efetivamente se realizou	- IMP de cortesia	- Hipótese sem condicional	- Descrição de cenários, lugares, paisagens e situações estáticas.		- Passado próximo
- Pergunta que sugere possível consequência desagradável						

Fonte: Freitag (2007, p. 130)

Os valores que estão à direita podem ser passíveis de intercambialidade entre as formas verbais imperfectivas de passado: pretérito imperfeito do indicativo e perífrase imperfectiva (TRAVAGLIA, 1987, p. 81). A partir dos valores obtidos em nosso *corpus*, percebemos que as formas verbais de pretérito imperfeito do indicativo ocorrem com mais frequência na modalidade *realis*. Em termos funcionais, podemos aplicar à análise o princípio de marcação proposto por Givón (1990), já que há uma maior tendência de uso do pretérito imperfeito do indicativo pelos granadinos. Trata-se de uma estrutura que demanda menos esforço em termos de atenção e processamento, sendo assim, considerada menos complexa, não marcada, que tendeu a aparecer em um contexto considerado não marcado (*realis*), quando comparado ao contexto de uso marcado (*irrealis*). Por possuir essas características, tende a ser mais utilizada que a forma perifrástica, a qual é considerada como marcada.



Os resultados da Tabela 1 apontam a correlação entre a presença da modalidade *realis* e a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo. De acordo com os resultados dos pesos relativos apresentados, podemos notar que há o favorecimento para a modalidade *realis* com o peso relativo 0,526, muito próximo do ponto neutro (0,50), conforme Guy e Zilles (2007). Diferente da modalidade *irrealis* que restringe a forma do pretérito imperfeito com o peso relativo 0,072. Vejamos, a seguir, exemplos nessas modalidades:

(8) Bueno antes cuando **estaba estudiando** pues me **desplazaba** en la moto iba a estudiar pues a la facultad también cogía el autobús o algunas veces pues me han llevado en coche. / Bom, antes, quando **estava estudando**, pois me **deslocava** na moto, ia estudar, pois também pegava ônibus para ir à faculdade ou algumas vezes me levavam no carro. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

(9) El modo de acercarse a los niños me gusta mucho porque se hacía respetar y también hacía que que la quisiéramos mucho porque ella también si se **tenía que poner** enfadada se enfadaba pero siempre estaba de buen humor. / Gosto muito do modo dela se aproximar das crianças porque era de maneira que pedia respeito e também fazia que gostássemos muito porque ela também se se **tinha que ficar** aborrecida se aborrecia, mas sempre estava de bom humor. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

Para ilustrar os resultados obtidos na Tabela 1, podemos perceber que, no exemplo (8), o pretérito imperfeito aparece em uma sentença real, na modalidade *realis*. Trata-se de um processo que estava em curso, quando outro ocorria, sendo assim, localizam-se à direita no gradiente de Travaglia (1987). No exemplo (9), a forma perifrástica aparece na modalidade *irrealis*, que infere uma incerteza.

Apresentamos na Tabela 2, a seguir, os resultados do grupo de fator tipos de verbo, que foi considerado o segundo grupo relevante.

Tabela 2 – Atuação dos tipos de verbos no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto habitual.

FATORES	VALOR DE APLICAÇÃO / TOTAL	PERCENTUAL %	PESO RELATIVO
Processo culminado	327 / 334	97,9	0,736
Estado	151 / 156	96,8	0,711
Culminação	193 / 205	94,1	0,522
Atividade	851 / 936	90,9	0,369

Fonte: Elaborada pelos autores

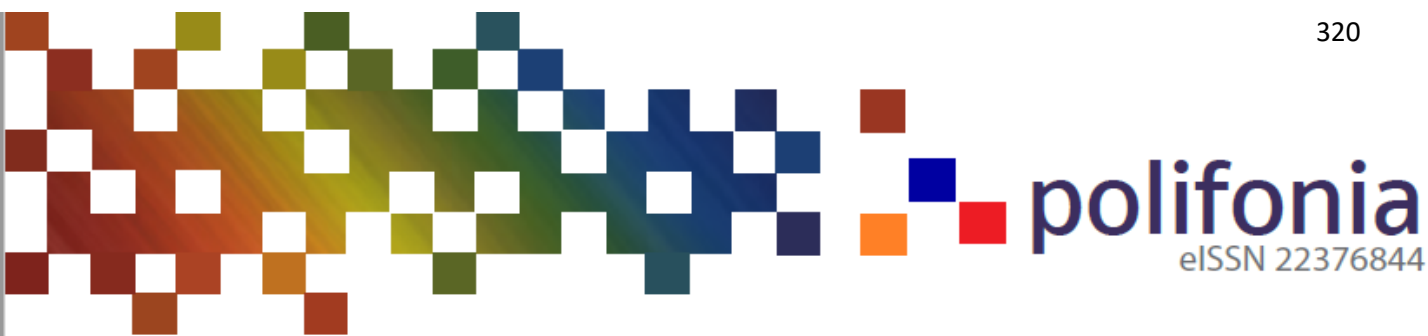
Conforme os resultados obtidos e expostos na tabela referente aos tipos de verbo, podemos notar que o processo culminado e estado na função aspectual habitual propiciam a ocorrência da forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo. Segundo alguns estudos como os de Givón (1990, 2001), Freitag (2007), Pontes (2012) e Albuquerque (2015), os verbos de processo culminado condicionam o uso do pretérito imperfeito do indicativo, como demonstrado na Tabela 2. Por outra parte, os verbos de estado favorecem o uso da forma perifrástica. Em nossa pesquisa, no entanto, os verbos de estados, também, favoreceram o uso do pretérito imperfeito do indicativo. Desse modo, podemos hipotetizar que a forma verbal de pretérito imperfeito do indicativo, no espanhol granadino, possa estar se expandindo para áreas funcionais (domínios), nas quais, normalmente, o falante utilizava apenas a perífrase.

Expomos, a seguir, exemplos de verbos que expressam processo culminado e estado na forma do pretérito imperfeito do indicativo e um exemplo de verbo que expressa estado na forma perifrástica, nesta ordem:

(10) Cuando **iba** a la facultad sí sí tardaba mucho más en a palabra cortada el autobús tardaba tres cuartos de hora ese desplazamiento. / Quando **ia** para a faculdade, sim, sim, atrasava muito, mas o ônibus demorava 45 minutos o deeslocamento. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

(11) La otra mitad aquello **parecía** una guardería. / A outra metade **parecia** uma creche. (MOYA CORRAL, 2008, entrevista 30, tradução nossa).

(12) Yo estuve una vez hablando con el peluquero y el peluquero dice que lo **estaba notando** ya dice la gente en vez de pelarse cada mes por poner dice pues aguanta mes y medio o dos meses en pelarse. / Eu estive uma vez falando com o



cabeleireiro e o cabeleireiro disse que **estava notando**, já disse, as pessoas em vez de cortar o cabelo cada mês, disse, aguenta um mês e meio ou dois para cortar. (MOYA CORRAL, 2008, entrevista 21, tradução nossa).

Por meio dos valores analisados, podemos perceber que quando é para expressar processo culminado na função habitual, há uma tendência de se utilizar mais o pretérito imperfeito do indicativo, conforme apontado pelo peso relativo de 0,736. Ademais, há uma predileção do falante pelo uso de verbo de estado, atrelado à forma simples de imperfeito, conforme o peso relativo de 0,711.

Em termos funcionais, para Givón (2001), os verbos de processo culminado são considerados como mais marcados, desse modo, possuem uma estrutura mais complexa, já os verbos de estado são considerados menos marcados. De acordo com a Tabela 2, o pretérito imperfeito do indicativo ocorreu nos dois tipos de verbo, confirmando, assim, que a depender do contexto linguístico, uma forma pode ser explicada pelo princípio de marcação ou pelo princípio da expressividade retórica. Nesse caso, como o pretérito imperfeito do indicativo ocorreu mais vezes no processo culminado, temos uma explicação voltada para o princípio de expressividade retórica. Nesse sentido, para efeitos de um equilíbrio cognitivo, de acordo com Dubois e Votre (1994, 2012), uma forma menos marcada (pretérito imperfeito) ocorre em um contexto mais marcado (verbo de processo culminado). Em contrapartida, segundo o princípio de marcação de Givón (1995), em um contexto menos marcado (verbo de estado), o falante pode selecionar, também, uma forma menos marcada (pretérito imperfeito).

A seguir, demonstramos o terceiro grupo mais relevante, conforme o programa estatístico Goldvarb (2005). Na Tabela 3, expomos os resultados relacionados à atuação da presença ou ausência dos modificadores aspectuais na escolha de uma das formas verbais em estudo.

Tabela 3 – Atuação da presença ou ausência dos modificadores aspectuais no uso de pretérito imperfeito do indicativo versus perífrases imperfectivas no Aspecto habitual.

FATORES	VALORES DE APLICAÇÃO / TOTAL	PERCENTUAL %	PESO RELATIVO
---------	------------------------------	--------------	---------------

Presença de modificadores aspectuais	720 / 758	95,0	0,557
Ausência de modificadores aspectuais	803 / 875	91,8	0,441

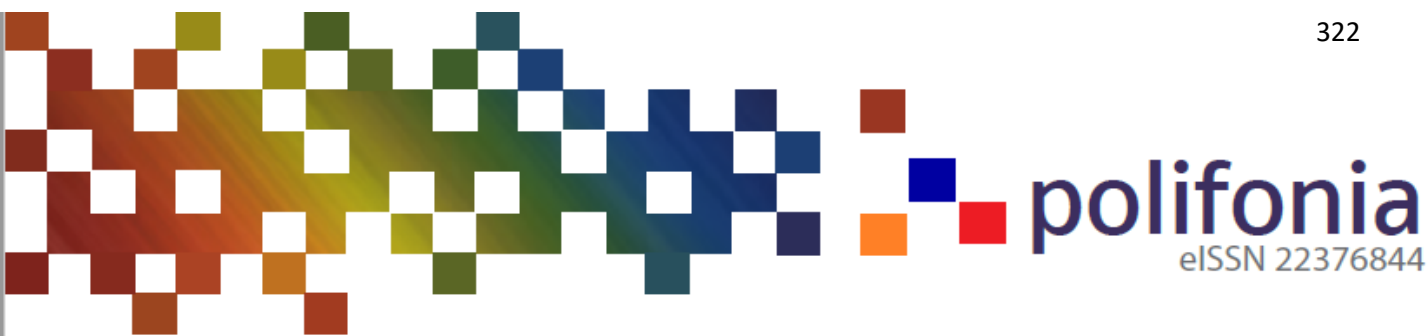
Fonte: Elaborada pelos autores

O controle do grupo de fator presença ou ausência dos modificadores aspectuais, em relação às formas verbais, fez-nos observar que a presença de marcadores aspectuais favorece o uso do pretérito imperfeito do indicativo, considerando seu peso relativo de 0,557 e na ausência há a tendência de uso da forma perifrástica, já que o seu peso relativo foi de 0,441. Desse modo, podemos sugerir que o falante atendeu ao princípio da expressividade retórica, com vistas ao equilíbrio cognitivo, proposto por Dubois e Votre (1994, 2012), no qual a forma não marcada (pretérito imperfeito do indicativo) ocorreu acompanhada pelo marcador temporal (considerado marcado frente a ausência de marcador). Ilustramos melhor a seguir com exemplos, um que possui um marcador aspectual acoplado ao pretérito imperfeito do indicativo e outro, no qual não há marcador.

(13) Cuando mis niños eran pequeños yo tenía la costumbre de que viniesen amigos suyos a mi casa y yo con ocho o nueve niños **siempre me encontraba** eso y prefería allí se ponían a estudiar allí se ponían a merendar. / Quando meus meninos eran pequenos eu tinha o costume de deixar seus amigos virem para minha casa e eu com oito ou nove anos **sempre me deparava** com isso e preferia ali, iam estudar ali e iam merendar. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 16, tradução nossa).

(14) Pues **solíamos jugar** a pillar a las niñas ya desde chicos éramos revoltosos pues nos juntábamos todos los niños. / Pois **costumávamos brincar** de pegar as meninas. Desde crianças éramos travessos, pois nós os meninos, juntávamo-nos. (MOYA CORRAL, 2007, entrevista 2, tradução nossa).

Em (13), podemos observar que há um marcador, um adjunto adverbial de tempo (sempre) que, acoplado à forma de pretérito imperfeito do indicativo, funciona como coordenada temporal para o passado imperfectivo, que caracteriza um período de tempo



em que a ação se repete de forma contínua. Já no exemplo (14), não há presença de modificador acoplado a forma perifrástica.

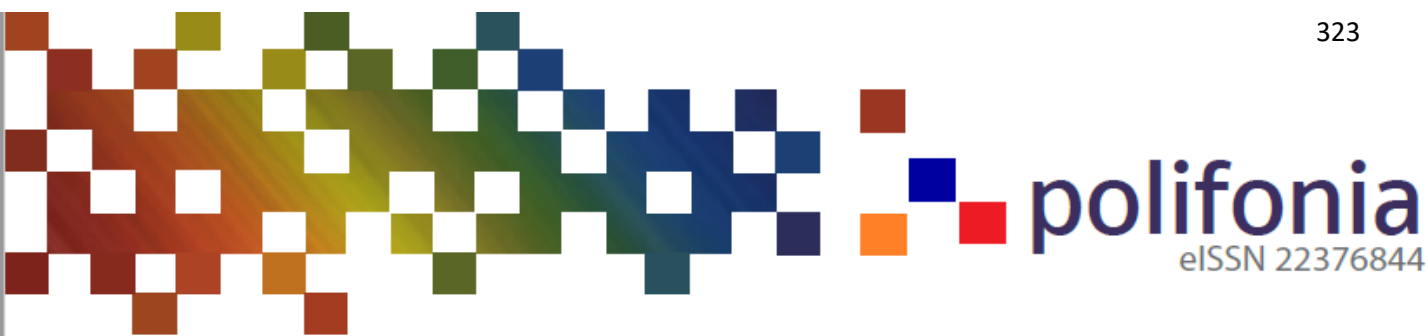
À luz do Funcionalismo linguístico, nesta seção, apresentamos e analisamos as ocorrências das formas verbais imperfectivas de passado em espanhol, em contextos de uso do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas no espanhol oral granadino, nos três grupos considerados relevantes para o programa computacional Goldvarb (2005), a partir dos princípios de marcação e de expressividade retórica.

6. Considerações finais

No que concerne à descrição e análise dos dados, podemos concluir que das duas formas verbais imperfectivas na função habitual, o pretérito imperfeito do indicativo, no universo desta pesquisa, é a forma mais utilizada pelos espanhóis granadinos, que, de um modo geral, a sua maior frequência pode ser explicada de acordo com o princípio de marcação, proposto por Givón (1990), ou seja, trata-se de uma estrutura menos marcada quando comparada à estrutura da perífrase imperfectiva de passado.

Não obstante, obtivemos, também, resultados que atenderam ao princípio da expressividade retórica, com vistas ao equilíbrio cognitivo, conforme Dubois e Votre (1994, 2012). Um desses casos, ocorreu no grupo de fator presença ou ausência dos modificadores aspectuais, quando o pretérito imperfeito do indicativo (considerado não marcado frente a perífrase) tendeu a ocorrer na presença de modificadores aspectuais (considerado marcado frente à ausência de modificadores aspectuais (não marcado). Desse modo, podemos notar que, por vezes, uma situação pode ser explicada pelo princípio de marcação e outras vezes pelo princípio de expressividade retórica. Também, a depender do contexto e de suas relações, um elemento, de acordo com os resultados deste estudo, pode ser considerado marcado ou não marcado, em consonância com a concepção do princípio meta-icônico de marcação de Givón (1991).

Por fim, propomos que estudos semelhantes possam ser realizados com corpora de natureza diferente do presente estudo e com maior representatividade linguística, com



a intenção de averiguar se os resultados encontrados apontam para um mesmo caminho. Havendo divergência, mais uma vez, o princípio de marcação, nos moldes de Givón (1990, 1991, 1995), será revalidado, pois, o próprio autor sugere que o contexto de uso interfere na atuação das formas linguísticas mais ou menos marcadas.

Referências

ALBUQUERQUE, Micheline Guelry Silva. **O uso do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado em memórias literárias produzidas por alunos de escolas públicas brasileiras**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

COMRIE, Bernard. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DUBOIS E VOTRE, Sebastião Josué. **Análise modular e princípios subjacentes do funcionamento linguístico: a procura da essência da linguagem**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

DUBOIS E VOTRE. A construção da gramática. In: **Análise modular e princípios subjacentes do funcionamento linguístico**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012.

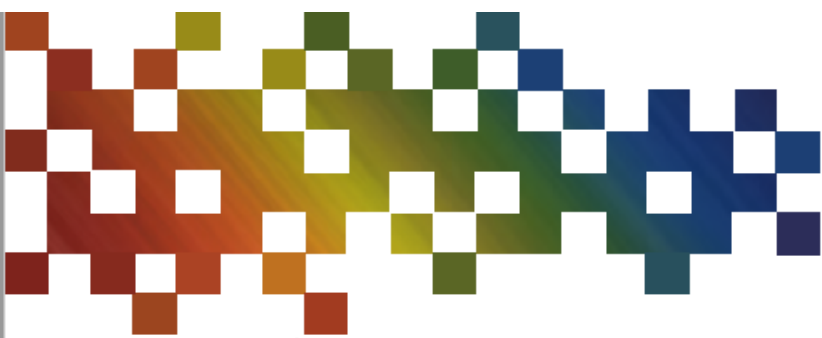
FREITAG, Raquel Meister Ko. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança**. Tese (Doutorado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 2007.

GARCÉS, María Pilar. **Las formas verbales en español valores y usos**. Madrid: Editorial Verbum, 1997.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. **El aspecto gramatical en la conjugación**. Madrid: Arco/Libros, 1998.

GIVÓN, Talmy. Tense-Aspect-Modality. In: **Syntax: a functional-typological introduction**. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984. p. 269-320.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.



GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**: a prospectus. University of Oregon, 1991a.

GIVÓN, Talmy. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: **English Grammar**: a functional-based introduction. Vol I e II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: an introduction. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, 44. Texas, 1978.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LENCI, A., BERTINETTO, P.M. Aspects, Adverbs and Events. Habituality vs. Perfectivity. In: HIGGINBOTHAM, J., PIANESI, F., VARZI, A.C. **Speaking of Events**. Nueva York: Oxford University Press, 2000.

MALDONADO, J.G. **El aspecto imperfectivo en inglés**: su expresión y función en el texto narrativo. 456 p. Tesis Doctoral de la Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, Departamento de Filología Española I, 1992.

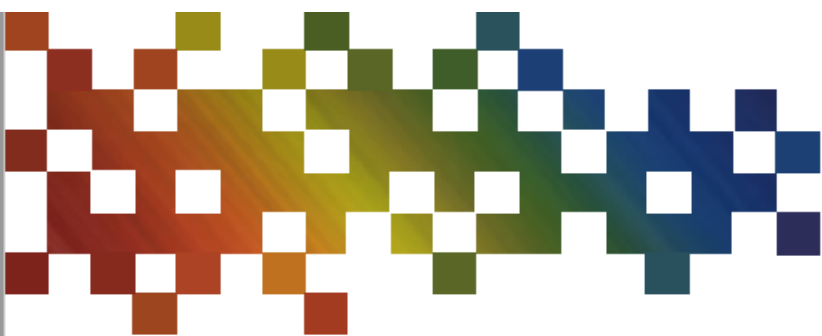
MARTÍNEZ-ATIENZA, M. La expresión de la habitualidad en español. In: Ed. L. García Fernández y B. Camus Bergareche. **El pretérito imperfecto**. Madrid: Gredos, 2004.

MENDES, Ronald Beline. **Estar + gerúndio e ter + participio**: aspecto verbal e variação no português. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em estudos da linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: ____; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

MOYA CORRAL, Juan Antonio coord. **El español hablado en Granada I**: Corpus oral para su estudio sociolingüístico. I Nivel de estudios alto, Granada, Editorial Universidad de Granada, 2007.

MOYA CORRAL, Juan Antonio coord. **El español hablado en Granada II**: Corpus oral para su estudio sociolingüístico. Nivel de estudios medio, Granada, Editorial Universidad de Granada, 2008.



MOYA CORRAL, Juan Antonio coord. **El español hablado en Granada III: Corpus oral para su estudio sociolingüístico.** Nivel de estudios bajo, Granada, Editorial Universidad de Granada, 2009.

MOUNIN, Georges. **Historia de la lingüística desde los orígenes al siglo XX.** Madrid: Gredos, 1968.

PONTES, Valdecy de Oliveira. **O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol: um estudo sociofuncionalista.** Fortaleza, CE. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará, 264 p. 2012.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A. & SMITH, E. **Goldvarb X - A multivariate analysis application.** Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O discursivo no uso do pretérito imperfeito do indicativo no Português. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.12, p.61-98, 1987.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **The philosophical review**. Vol. 02, Nº 2. 1957, p. 143- 160.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy**. New York: University Press, 1967.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro.** Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.